



# Medievalis

v. 11, n. 2 (2022)

| 141

## A relação entre amor e morte na literatura medieval e as suas construções nas literaturas contemporâneas

Sálua Temis Tyê Monteiro Fayal<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho engloba em seus conceitos uma quantidade de teorias relevantes ao entendimento do ser humano como tal. Sabe-se que as relações humanas - sejam elas no medievo ou na contemporaneidade - são de extrema complexidade. Não obstante tal observação, a questão das relações afetivas entre os seres consegue ultrapassar os limites da razão. O objetivo é analisar e demonstrar como o amor está paradoxalmente ligado à morte e como essa relação é indissolúvel e fundamental para a construção do ser humano. O problema da pesquisa é: como a relação entre o amor e a morte estabelece-se na sociedade medieval e como tal relação atravessa as fronteiras do tempo e chega ao momento literário atual? Esta pesquisa é bibliográfica e nela serão usados autores para referenciar e compor os conhecimentos que passarão o texto escrito. A proposta é mostrar que não existe amor sem morte e como esse laço tão medieval não se rompeu com o advento da modernidade. A partir das análises feitas entre os personagens, suas trajetórias e suas personalidades, considera-se que o amor paixão foi e é exaltado pelo mito não só no século XII, mas também no século XXI, através de uma série de livros que ressuscitam a característica principal do amor-paixão: a morte, que nem sempre é uma morte carnal, da matéria corpórea. Em alguns momentos, a morte é a renúncia de algo, é a morte metafórica, mas em todas ela é voluntária, ou seja, deseja-se morrer por amor, deseja-se morrer de amor.

**Palavras-chave:** Literatura Medieval. Literatura Contemporânea. Amor. Morte.

**Abstract:** The present work encompasses in its concepts a number of theories relevant to the understanding of the human being as such. It is known that human relations - be they in the Middle Ages or in the contemporary world - are extremely complex. Notwithstanding such an observation, the issue of affective relationships between beings manages to surpass the limits of reason. The objective is to analyze and demonstrate how love is paradoxically linked to death and how this relationship is indissoluble and fundamental for the construction of the human being. The research problem is: how is the relationship between love and death established in medieval society and how does this relationship cross the boundaries of time and reach the current literary moment? This research is bibliographical and authors will be used to reference and compose the knowledge that will permeate the written text. The proposal is to show that there is no love without death and how this medieval bond was not broken with the advent of modernity. From the analyzes made between the characters, their trajectories and their personalities, it is considered that passionate love was and is exalted by the myth not only in the twelfth century, but also in the twenty-first century, through a series of books that resurrect the characteristic love-passion: death, which is not always a carnal death, of corporeal matter. In some moments, death is the renunciation of something, it is metaphorical death, but in all of them it is voluntary, that is, one wants to die for love, one wants to die of love.

**Keywords:** Medieval Literature. Contemporary Literature. Love. Death.

<sup>1</sup> Graduanda em Letras no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: saluafayal@gmail.com. UNINTER

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8462944947148734>

E-mail: [saluafayal@gmail.com](mailto:saluafayal@gmail.com)





## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho engloba em seus conceitos uma quantidade de teorias relevantes ao entendimento do ser humano como tal. Sabe-se que as relações humanas - sejam elas no medievo ou na contemporaneidade - são de extrema complexidade. Alguns autores como Zigmunt Baulman chamam estas relações de líquidas, termo utilizado para caracterizar tudo aquilo que é efêmero, passageiro. Não obstante tal observação, a questão das relações afetivas entre os seres consegue ultrapassar os limites da razão, levando-se em consideração os conceitos da psicanálise de que “o amor é uma tarefa” (SANCHEZ, 2006, p.109). Por outro lado, “*Verliebheit*”, paixão amorosa, é o termo utilizado por Freud para designar uma emoção que domina o sujeito sem o controle da razão podendo chegar ao excesso de uma transgressão ou perversão” (BARROS e SILVA apud FREUD, 2002, p. 50).

Para tanto, começa-se a observar este tipo de construção de relações afetivas cotidianas no período medieval. Este que faz nascer o que chamaremos de vassalagem amorosa (o ato de ser servo da pessoa amada), porém, não somente, mas fazer com que esta relação de vassalagem ultrapasse as fronteiras da vida, transfigurando, então, o amor na figura/sentimento mais mortal da sociedade.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é: analisar e demonstrar como o amor está paradoxalmente ligado à morte e como essa relação é indissolúvel e fundamental para a construção do ser humano. A proposta é mostrar que não existe amor sem morte e como esse laço tão medieval não se rompeu com o advento da modernidade, ou seja, como a sociedade pós-moderna absorveu essas características marcantes da sociedade medieval e incorporou em suas literaturas.

Como objetivos específicos pretende-se: demonstrar a relação entre amor e morte na literatura medieval e denotar que estes dois sentimentos não sobrevivem sozinhos, ou seja, um é subordinado ao outro; além disso, analisar esta acepção e como ela configura-se na sociedade atual, com base nas literaturas produzidas no período; comparar as duas sociedades – medieval e contemporânea – e mostrar como a relação basal deste trabalho aplica-se às duas esferas; todos associados às referências.

O artigo é dividido em três capítulos: o primeiro abrange o medievo, o Trovadorismo e a construção do amor como parte fundamental para a união de dois indivíduos. O segundo retrata a relação entre amor e morte explicitada em diversas produções literárias do período trovadoresco e o terceiro capítulo demonstra como essa relação entre amor e morte “escapou” do período medieval, transpôs as barreiras do tempo e chegou com vigor na literatura moderna.





## 2. O MEDIEVO, O TROVADORISMO E A CONSTRUÇÃO DO AMOR

Conhecidamente, o Trovadorismo foi a primeira escola literária depois da Antiguidade Clássica, todavia, a maioria desconhece que o entendimento sobre o amor - lê-se o sentimento – cuja definição é sempre vaga e diluída numa amálgama de outras referências e numa enormidade de adjetivos - foi construído nesse período. Outra característica que a maioria das pessoas em geral desconhece é que o período trovadoresco durou, em média, quatro (04) séculos, sendo “derrubado” apenas pelo pensamento antropocêntrico que surgiria nos idos do século XIV/XV, com o período humanista.

Entre os que se interessam pela evolução da literatura europeia, mesmo quem não leu Denis de Rougemont poderá ter absorvido de algum modo a sua tese de que o imaginário da paixão nasce com poesia lírica provençal do século XII (COELHO apud ROUGEMONT, 2003, p. 11).

Entretanto, não é possível datar com precisão o início do período literário, mas se pode afirmar categoricamente que sem ele a literatura não teria se expandido de maneira tão veemente e não teria atingido o seu patamar de arte.

Todo período considerado literário tem sua origem num dado momento da história, por este fim não é possível desmembrar história de literatura; para as teorias construídas neste artigo também “funciona” desta maneira, já que é a partir da literatura que podemos observar de maneira sensível as relações sociais construídas numa determinada sociedade, grupo, comunidade, dentre outros.

A historicidade do Trovadorismo começa por volta do século XI d.C. com a queda do Império Romano, momento em que a Europa foi tomada pelas invasões bárbaras. Nesse tempo, as pessoas refugiaram-se no campo, lugar onde elas tinham abrigo, segurança e alimento, porém, para que estes benefícios lhes fossem concedidos era necessário vender a sua força de trabalho em troca destas benesses para os senhores feudais (nobres que detinham uma grande quantidade de terras e que as loteavam para que os mais pobres pudessem usá-las, porém, estes deveriam pagar os impostos com parte da colheita dos seus lotes).

O período da Idade Média foi extenso e caracterizado pelo Teocentrismo (Deus no centro de tudo), assim, a Igreja Católica é quem dominava a sociedade daquele período impondo valores cristãos e punindo quem não seguisse seus preceitos.





As relações interpessoais da sociedade medieval são baseadas em domínio da Igreja Católica e abismo entre as classes econômicas, para Huizinga:

Quando, há pouco mais de cem anos, a história medieval começou a afirmar-se como objecto de interesse e admiração, aquilo que primeiro atraiu as atenções gerais, e se tornou uma fonte de entusiasmo e inspiração, foi a cavalaria. Para a época do romantismo a Idade Média e a cavalaria eram termos quase sinónimos. A imaginação histórica fixou-se de preferência nas cruzadas, nos torneios, nos cavaleiros andantes. Mas de então para cá a História democratizou-se. A cavalaria é actualmente vista como uma florescência muito especial de civilização que, longe de ter dominado o curso da história medieval, foi antes um factor bastante secundário na evolução política e social da época. Para nós o problema da Idade Média reside principalmente no desenvolvimento da organização comunal, das condições económicas, do poder monárquico, das instituições administrativas e judiciais, e, em segundo lugar, no domínio da religião, da escolástica e da arte. Para o fim do período a nossa atenção é quase inteiramente absorvida pela génese das novas formas de vida política e económica (absolutismo, capitalismo) e das novas formas de expressão (Renascimento). Deste ponto de vista o feudaísmo e a cavalaria surgem-nos como pouco mais do que as sombras de uma ordem inábil, quase insignificante e sem valor para a compreensão da época. No século XV a cavalaria era ainda, depois da religião, a mais forte de todas as concepções que dominavam o espírito e o coração. Era tida como a coroa de todo o sistema social. A especulação política medieval estava imbuída até à medula da ideia de uma estrutura da sociedade baseada em ordens distintas. Esta noção de «ordens» não era absolutamente fixa. As palavras «estado» e «ordem», quase sinónimas, designavam uma grande variedade de realidades sociais. A ideia de um «estado» não estava limitada de modo algum a uma classe; estendia-se a todas as funções sociais, a todas as profissões, a todos os grupos. (HUIZINGA, 1985, p. 41-42)

Dentro dessa concepção de sociedade e de classes sociais é que se constitui o período literário do Trovadorismo. Por conta da grande influência da cavalaria na vida das pessoas da sociedade medieval, muitas nomenclaturas foram dadas a partir das posições sociais que os indivíduos tinham em sociedade, tais como: vassalagem amorosa, esta que será uma das características mais marcantes do estilo de época e é totalmente ligada à construção do tecido social da época.

Vassalagem amorosa é nome que se dá ao sentimento de subserviência do trovador à dama; é a sensação da mais pura fidelidade entre um indivíduo e seu ente amado, que





posteriormente será violentado pelos romances bretões nos quais prevalecerá o hedonismo e a carnalidade do amor.

Quanto a isso, Huizinga afirma que

O guerreiro nobre tem de ser pobre e livre dos apegos terrenos. «Este ideal do homem bem nascido sem haveres», diz William James, «estava incorporado na cavalaria andante e nas ordens religiosas como a dos Templários, e medonhamente corrompido como sempre esteve, domina ainda sentimentalmente, se não na prática, nas perspectivas militares e aristocráticas da vida. (HUIZINGA, 1985, p. 57)

| 145

Essa afinidade que existe entre a figura trovadores e a dos cavaleiros só comprova o quanto a submissão fazia parte da vida dos jograis e menestréis, haja vista que eles se mantinham fiéis às suas amadas por longos períodos, às vezes, até o fim da vida. “Nós glorificamos o soldado como o homem absolutamente desembaraçado. Nada possuindo senão a sua vida e desejoso de a arriscar sempre que a causa lhe imponha, ele é o representante da liberdade absoluta na direção do ideal.” (HUIZINGA, 1985, p. 57).

Para além, Coelho afirma que:

o sentimento da paixão amorosa tenha origem histórica; que há algo de involuntário, de embriagador, de venenoso na paixão (donde a ideia do encanto, das poções, dos filtros mágicos); que o culto da “amada distante” e do “amor impossível” nos remete ao mundo dos cavaleiros andantes, certamente, ideias desse tipo são conhecidas ou intuídas por todos nós. (COELHO apud ROUGEMONT, 2003, p. 11)

Uma das asserções feitas por Coelho (apud ROUGEMONT, 2003, p. 11) é a de que “o amor à primeira vista é sempre um reconhecimento”; é partindo desse princípio que vamos observar a estrutura social de maneira mais evidente.

Huizinga (1985) assevera que:

Estes autênticos traços de compaixão, de sacrifício e de fidelidade que caracterizam a cavalaria não são porém puramente religiosos; são também eróticos. Deve lembrar-se que o desejo de dar uma forma e um estilo ao sentimento não é exclusivo da arte e da literatura; desenvolve-se também na própria vida: nas conversas da corte, nos jogos, nos desportos. Também ali o amor busca incessantemente uma expressão romântica e sublime. Se, por conseguinte, a vida pede à literatura os motivos e as





formas, a literatura, afinal, não faz mais do que copiar a vida. O aspecto cavaleiresco do amor tinha, de qualquer modo, de fazer a sua aparição na vida antes de exprimir-se sob forma literária. [...] O cavaleiro e a sua dama, ou, por outras palavras, o herói que serve por amor — é este o motivo primário e invariável de onde a fantasia erótica partirá sempre. É a sensualidade transformada em ânsia de sacrifício, no desejo revelado pelo macho de mostrar a sua coragem, de correr perigos, de ser forte, de sofrer e sangrar diante da amada. Desde que o sonho de heroísmo através do amor intoxica o coração apaixonado a fantasia desenvolve-se e transborda. O primeiro tema, simples, não tarda em tornar-se insuficiente, a alma anseia por novos caprichos e a paixão tinge o sonho de sofrimento e de renúncia (HUIZINGA, 1985, p. 58-59).

Para Spina,

O barão, no seu lar mais palaciano, começou a construir uma corte, onde tinham ocasião de florescer as graças femininas, aonde eram mandados os filhos e as filhas dos vassallos a aprender as artes e as maneiras próprias dos donzéis e donzelas, e à qual os menestrais, vendedores ambulantes, peregrinos e outros educadores vagabundos levavam notícias do mundo e os produtos da sua indústria; a música, a poesia, as artes manuais, a pintura, a escultura, a arquitetura novamente surgiam para a vida. [...] Os trovadores criam, então, o primeiro grande tema da inspiração lírica: o *Amor*. A Morte e a Natureza apenas se esboçam como tópicos dessa poesia em que o trovador é mártir. O amor cortês, estranhamente, aparece enlaçado com os quadros picturais da natureza primaveril, talvez sobrevivência da poesia folclórica dos cantos de primavera (SPINA, 1996, p. [20-?]).

Para Étienne Gilson, apud Segismundo Spina (1996, p. 22) “os trovadores realizaram uma grande descoberta, talvez a mais importante de todas as suas contribuições para a arte poética, quando perceberam que os pássaros não cantam senão na Primavera, mas que pode ser amoroso o ano todo”.

A essa alegria da paixão amorosa, que se goza em todas as suas dimensões, chamaram os trovadores de *joie d’amour*. Esse amor integral, de todos os sentidos, o *amor comblé*, que ninguém melhor que o maior dos trovadores, Bernard de Ventadorn, pôde expressar (SPINA, 1996, p. [22-?])







Para Spina,

Do princípio de que *o amor e fonte perene de toda Poesia*, e de que *o Amor é leal, inatingível e sem recompensa* (porque a dama é *sans merci*) decorre todo o formalismo sentimental dessa poesia: - submissão absoluta à sua dama; - uma vassalagem humilde e paciente; - uma promessa de honrá-la e servi-la com fidelidade; - uso do *senhal* (imagem ou pseudônimo poético com que o trocador oculta o nome da mulher amada); - a *mesura*, prudência, moderação, a fim de não abalar a reputação da dama (*pretz*), pois a inobservância desse preceito acarreta a *sanha* da mulher; - a mulher excede a todas do mundo em formosura ( de que resulta o tema do *elogio impossível*); - por ela o trovador despreza todos os títulos, as riquezas, e a posse de todos os impérios; - o desprezo dos intrigantes da vida amorosa; - a invocação dos mensageiros da paixão do amante (pássaros); - a presença de confidentes da tragédia amorosa; Entre os sintomas mais comuns da erótica trovadoresca, alguns de procedência ovidiana podemos mencionar: - a perturbação dos sentidos (que às vezes atinge a loucura); - a impossibilidade de declarar-se, quando em presença da mulher, então embarga-se-lhe a voz e treme como folhas ao vento; - a perda do apetite, a insônia, o sofrimento doloroso, a doença e a morte como solução do seu drama passional; - e, às vezes, certo masoquismo, certo prazer na humilhação e no sofrimento amoroso. (SPINA, 1996, p. [21-22?])

| 147

É notório, portanto, como o amor tornou-se o foco dos poemas da lírica trovadoresca e o quanto ele influenciou a vida em comunidade daquele período.

## 2.1. A RELAÇÃO ENTRE AMOR E MORTE NA LITERATURA MEDIEVAL

Para que haja melhor compreensão da literatura medieval há de ser necessário que entendamos os aspectos mais pertinentes da sociedade, da cultura e, obviamente, da literatura da época.

Apolinário assevera que:

Trazendo tais considerações para o campo da literatura, compreendemos que, neste período, surgiu na Europa uma poesia lírica cuja importância é indiscutível como fonte de inspiração artística de todo lirismo dos séculos posteriores: a lírica trovadoresca. Há que se considerar que a poesia dos trovadores ultrapassou fronteiras manifestando-se em praticamente todas as línguas e países europeus. Acresce a isso o fato de que a Provença, região sul da França, maior centro cultural da época, exportou para terras lusitanas suas maneiras poéticas, comunicando-lhes temas, dando-lhes a conhecer o ensino versificatório já completamente estabelecido para cada





gênero lírico. [...] O lirismo português, conhecido graças às coletâneas chamadas de Cancioneiros, engloba composições líricas (cantigas de amor e de amigo) e composições satíricas (cantigas de escárnio e de maldizer). As cantigas de amor, de maior influência provençal, denunciam pela retórica amorosa e também pelos provençalismos a sua origem aristocrática. Configuram-se a obediência aos cânones e o conceito de amor oriundos da Provença e idealizadores do amor cortês. (APOLINÁRIO, 2010, p. 11-12)

Segundo Rougemont (2003), a combinação entre amor e morte é garantia de sucesso de um romance; é possível notar, portanto, o quanto essa linha fronteira é dissolvida no que tange aos aspectos da construção das narrativas, visto que elas são o reflexo da cultura e da sociedade da época. Para além, é preciso observar que essa onisciência ocidental sobre a morte e o amor é mais que mera literatura de diversão, é uma questão cultural.

Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental. (ROUGEMONT, 2003, p. 24)

No período do medievo começam as incursões com o objetivo de adentrar ao místico invólucro do Amor. A relação entre amor e morte é concebida de maneira unívoca por, basicamente, todos os autores que existem no momento. Uma das características que denota essa gana em relação à indissolubilidade de amor e morte é o fato de que só existe amor se houver, naturalmente, a morte, como citado por Rougemont (2003, p. 24) “tudo em nós e ao nosso redor glorifica a tal ponto a paixão que chegamos a considerá-la uma promessa de vida mais viva, uma força que transfigura, algo situado além da felicidade e do sofrimento, uma beatitude ardente.”

Portanto, o que se pode observar na literatura é que a maioria delas descreve o amor associado à figura da paixão, sendo assim, o *amor-paixão* é a forma mais pura de amor, a julgar que a paixão é a irracionalidade humana despertada pelo sentimento do amor e essa tal irracionalidade culmina, segundo Rougemont (2003, p. 24), “a assumir a forma do adultério”, afinal o amor válido, para os escritores, era o amor impossível de ser concretizado. Algo que, curiosamente, costuma acontecer até os dias atuais.







Necessariamente (tal qual a necessidade humana pela água) é preciso que se observe atentamente essa prerrogativa do amor-paixão como suporte ao surgimento do adultério, porque deve-se ter em mente que, de acordo com Rougemont,

Afirmar que o amor-paixão significa, de fato, o adultério é insistir na realidade que o nosso culto disfarça e ao mesmo tempo transfigura; é revelar o que esse culto dissimula, recalca e recusa nomear para nos permitir um abandono ardente àquilo que não ousaríamos reivindicar. (ROUGEMONT, 2003, p. 25)

| 149

Pois, “na ‘paixão’, já não sentimos ‘o que sofre’, mas ‘o que é apaixonante’. No entanto, a paixão de amor significa, de fato, uma infelicidade.” (ROUGEMONT, 2003, p. 25). Huizinga (1985, p. 58) afirma que “a Idade Média cultivou estes motivos de um primitivo romantismo com insaciabilidade juvenil.” O que caracteriza primeiramente o amor-paixão, a insaciabilidade do desejo em ter o ente amado sob qualquer pretexto, de qualquer forma, nessa e numa possível outra vida.

A procura humana incessante pela infelicidade garantiu a diversos autores “fio” e inspiração para, também, uma diversidade de escritos, como exemplo: Tristão e Isolda e Romeu e Julieta, de Shakespeare. Esses casais são mais que meros personagens descritos e encenados, são estereótipos de indivíduos sociais que pertenciam às classes retratadas em suas obras e que poderiam ser qualquer pessoa que vivera de maneira intensa o seu amor proibido.

O Mito de Tristão, citado por Rougemont (2003), confirma o pressuposto de que as histórias – fictícias ou não – exercem sobre nós um poder profundo, geralmente, a contragosto nosso já que

Não haveria mitos se fosse lícito limitar-se às certezas e exprimi-las de forma clara ou direta. Ao contrário, o mito desponta quando se torna perigoso ou impossível confessar claramente certo número de fatos sociais ou religiosos, ou de relações afetivas, que todavia se deseja conservar ou que é impossível destruir. [...] Mas precisamos de um mito para exprimir o fato obscuro e inconfessável de que a paixão está ligada à morte e leva à destruição quem quer que se entregue completamente a ela. Isto porque desejamos salvar a paixão e adoramos essa infelicidade, ao passo que as morais oficiais e nossa razão as condenam. (ROUGEMONT, 2003, p. 31)





O mito de Tristão encaixa-se com perfeição da observação rougemontiana, uma vez que ele exercera enorme influência sobre a sociedade da época, e continua a influenciar a sociedade de hoje, mesmo que de maneira indireta.

A paixão das personagens (Tristão e Isolda) é fortemente tolhida pelas regras da cavalaria, ou seja, há claramente o impedimento para a concretização do amor vivido fortemente pelos dois ( a dúbia realidade em ser cavaleiro e fiel ao seu rei ou entregar-se à mulher amada que, naturalmente, não pode ser sua), a julgar que o *status* de mito lhe foi concedido justamente pela narrativa ser nociva ao padrão social estabelecido (a relação cristã de casamento e fidelidade). Não se pode deixar de salientar que, no século XII, a sociedade estava baseada inteira nos preceitos da religião católica, o que torna o adultério um dos pecados capitais; a moralização das pessoas era realizada através desses mitos que, ao invés de refrear o impulso animal do desejo humano, apenas aprofundava mais o hedonismo presente em cada indivíduo.

Para Rougemont (2003, p. 34) “o mito age onde quer que a paixão seja sonhada como um ideal, e não temida como uma febre maligna”. Desse modo, “O amor por força vos enlouquece” (BÉROUL apud ROUGEMONT, 2003, p. 38). Assim sendo, é notório o quanto o sentimento do amor fez-se importante para a construção e consolidação das sociedades. Na épica história de Tristão e Isolda, o amor entre os dois acontece “por um infortúnio”; a aia Briolanja dá a Tristão o “vinho ervado”, preparado pela mãe de Isolda para que ela e o futuro esposo (o rei Marcos da Cornualha) pudessem se apaixonar e, como todo conto, vivessem “felizes para sempre”, no entanto, com o filtro bebido por Tristão, esse amor que deveria “pertencer” ao futuro casal acaba por tomar o herói fazendo-o cometer delitos e mais delitos em prol de viver o sentimento existente entre ele e a princesa, o que o leva ao fim último da vivência do amor: a morte. Mas, à priori, a morte não necessariamente é a morte física, ou seja, a perda das funções vitais, mas, a morte do amor, já que o filtro do amor tem “validade” de três anos e após esse tempo ele perde o efeito em ambos (Tristão e Isolda), pois “Renúncias, compromissos, rupturas, neurastenia, confusões irritantes e mesquinhas de sonhos, de obrigações, de complacências secretas – metade da infelicidade humana está na palavra adultério” (ROUGEMONT, 2003, p. 26).

Posterior a “perda de validade” filtro é que perceberemos como de fato age o amor. Tristão sofre copiosamente por Isolda e estes continuam com seu amor um pelo outro até o momento em que Tristão se envenena e Isolda, ao beijá-lo, envenena-se também, morrendo os dois e, quando os corpos foram encontrados, estavam abraçados. A partir da leitura do romance é perceptível o quanto a morte é a realização suprema do amor, é o





amor na sua concretude, em sua forma mais visível. “Nenhum dos obstáculos que encontram é objetivamente insuportável, mas eles renunciam a cada passo!” (ROUGEMONT, 2003, p. 52).

O egoísmo aparente de tal amor explicaria por si só numerosos "acazos", numerosas malícias oportunas da sorte que se opõem à felicidade dos amantes. Mas como explicar o próprio egoísmo, em sua profunda ambiguidade? Todo egoísmo, como se diz, conduz à morte, mas como última derrota. Este, ao contrário, deseja a morte como sua realização suprema, como seu triunfo... Só cabe aqui uma resposta digna do mito. [...] O que amam é o amor, é o próprio fato de amar. E agem como se tivessem compreendido que tudo que se opõe ao amor o garante e o consagra em seus corações, para exaltá-lo ao infinito no instante do obstáculo absoluto que é a morte. (ROUGEMONT, 2003, p. 57)

Diante das acepções é necessário mencionar que a morte por amor é voluntária, como já citado, é o suprassumo do amor, é a concretização do ato de amar, que de acordo com Rougemont:

Assim, essa preferência dada ao obstáculo desejado era a afirmação da morte, um passo em direção à Morte! Mas uma morte de amor, uma morte voluntária, depois de uma série de provas que purificarão Tristão; uma morte que seja uma transfiguração e não um acaso brutal. Portanto, trata-se sempre de conduzir a fatalidade exterior a uma fatalidade interior, livremente assumida pelos amantes: É a redenção de seu destino que eles alcançam ao morrerem por amor; é uma vingança contra o filtro. E assistimos, in extremis, à inversão da dialética paixão-obstáculo. Realmente, o obstáculo já não está a serviço da paixão fatal; ao contrário, tornou-se o objetivo, o fim desejado por si mesmo. E assim a paixão desempenhou apenas um papel de prova purificadora, quase de penitência a serviço desta morte que transfigura. Chegamos agora ao último segredo. O amor do próprio amor dissimulava uma paixão bem mais terrível, uma vontade profundamente inconfessável — e que somente poderia se "trair" por símbolos como a espada desembainhada ou a perigosa castidade. Sem saber, sem querer, os amantes jamais desejaram outra coisa senão a morte! Sem saber, enganando-se apaixonadamente, não buscaram mais que a redenção e a vingança contra "o que sofriam" — a paixão iniciada pelo filtro. No fundo mais secreto de seus corações, era a vontade de morte, a paixão ativa da Noite que lhe ditava suas decisões fatais. (ROUGEMONT, 2003, p. 63).





Portanto, vimos que “paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida, preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável [...] amar é procurar sofrimento” (ROUGEMONT, 2003, p. 68). Nesse sentido, quanto mais as pessoas aproximam-se do amor-paixão, mais distantes estão do casamento, de acordo com a literatura, visto que o adultério é a principal das consequências da irrefreabilidade passional de um ser humano.

O casamento, de acordo com as literaturas produzidas no período medieval, é a instituição social que trai o amor, pois, faz-se apenas um “contrato”, a união dos nomes, algo meramente “empresarial”; o amor em si não, o amor se dá pela criação mística do sagrado entre duas pessoas, por este fim, normalmente, cometia-se adultério por amor.

Tal é o amor platônico: “delírio divino”, arrebatamento da alma, loucura e suprema razão. Por conseguinte, o amante está junto do ser amado “como no céu”, pois o amor é a vida que ascende por degraus de êxtase para a origem única de tudo o que existe, longe dos corpos e da matéria, longe do que divide e distingue, para além da infelicidade de ser o que se é e de ser dois no próprio amor. (ROUGEMONT, 2003, p. 80).

Ou seja, ao invés de fim último, a morte nada mais é que a condição precípua, “o que o Evangelho chama de ‘morte para si mesmo’ é o começo de uma vida nova, já no mundo terreno” (ROUGEMONT, 2003, p. 91). Partindo dessa asserção, nota-se que o homem foi criado para amar até morrer, “a partir de agora, o amor já não será fuga e recusa perpétua do ato. Ele começa além da morte, mas volta-se para a vida. E essa conversão do amor faz aparecer o *próximo*.” (ROUGEMONT, 2003, p. 91).

O próximo caso a ser estudado e analisado diz respeito a um mito – também – proveniente do ciclo arturiano, que se expande para além dos limites das histórias do consagrado Rei Arthur; o personagem que se encaixa nas teorias aqui propostas é seu fiel escudeiro Lancelote, o bravo. Lancelote envolve-se com Guinevere, que notadamente, não é sua esposa, mas sim esposa do Rei Arthur, o rei ao descobrir a traição do seu melhor cavaleiro e da sua amada esposa, condena-a a fogueira, como as bruxas que morreriam na Santa Inquisição. Guinevere é salva pelo seu grande amor, Lancelote, porém, morre enclausurada num convento e o herói, após saber da morte da rainha também definha e morre. A relação entre o amor e a morte para esse casal dá-se no fato de que os dois pagam “as penitências” trazidas por esse amor. O amor cortês em sua acepção inicial era puro, casto. Lancelote, ao escolher o caminho da esquerda, escolhe, então, o amor da carne, do desejo puro, o que vai de encontro aos preceitos do amor cortês de mesura, de constância e fidelidade suprema. Assim, para Rougemont





Imagem 01 – Repercussão do Cristianismo em costumes ocidentais

	DOCTRINA	APLICAÇÃO TEÓRICA	REALIZAÇÃO HISTÓRICA
Paganismo	União mística (amor divino feliz)	Amor humano infeliz	Hedonismo, paixão rara e desprezada
Cristianismo	Comunhão (sem união essencial)	Amor ao próximo, (casamento feliz)	Conflitos dolorosos paixão exaltada

Fonte: ROUGEMONT, 2003, p. 97

Portanto, “O amor-paixão surgiu no Ocidente como uma das repercussões do cristianismo (e especialmente de sua doutrina do casamento) nas almas ainda habitadas por um paganismo natural ou herdado.” (ROUGEMONT, 2003, p. 97)

## 2.2. RELAÇÕES AFETIVO-AMOROSAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

A relação entre amor e morte para a literatura é algo crucial para entendermos não só a sociedade do medievo, mas também a sociedade pós-moderna, haja vista que essa relação indissolúvel permanece até os dias atuais sendo descrita em diversos romances nacionais e internacionais. Contudo, deveria ser pormenorizado o fato de que os *best-sellers* norte-americanos ou brasileiros são, na realidade, uma releitura dessas características que principiaram o período do Trovadorismo.

É lugar-comum, hoje, vermos e lermos uma quantidade razoável de livros que tem por base as características dos romances de folhetins, surgidos no Brasil em meados do século XIX, romances estes que carregam em si uma estrutura de personagens muito próxima às das personagens consagradas na literatura portuguesa medieval.

As telenovelas de grandes emissoras nacionais, são a prova cabal de que de o amor-paixão é a base da construção social da nação brasileira, isso é verificável em todas as temporadas de novelas adolescentes; a impossibilidade de realização do amor juvenil entre indivíduos de classes sociais distintas é comum tanto em filmes nacionais quanto em telenovelas.

A tríplice dos folhetins embasa a maioria das histórias contadas em território nacional; sempre há três passos primordiais para a concretização das ações das narrativas: a harmonia inicial (momento em que o casal de heróis se conhece), a desarmonia





(momento da narrativa em que o casal se separa, normalmente, por causa de um vilão (ã), e harmonia final (momento em que o casal se reencontra e concretizam o seu amor), vê-se como o amor-obstáculo é imprescindível para a criação de boas narrativas.

É possível verificar essa questão do amor como fator para morte no romance O triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto<sup>2</sup>, em que o personagem que dá nome ao livro, por amar demais a pátria, literalmente, morre por causa dela. A morte aqui, embora real, é evada de características trovadorescas, mesmo que de maneira metafórica. Para Policarpo, a pátria era sua dama, por ela ele estudou, pensou em mudanças que seriam caras, propôs melhorias e também, à medida que o desencanto crescia, chegava mais perto da morte, que lhe aconteceu pós revolta contra o então presidente Floriano Peixoto. Da mesma forma, e mais convergente ao tema, Amor de Perdição, do português Camilo Castelo Branco<sup>3</sup>, foi o primeiro *best-seller* a ser consagrado em terras lusitanas, a obra é tão trovadoresca quanto as próprias cantigas de amor e os romances de cavalaria, pois, traz em si todas as características do amor-paixão que leva à morte.

Amor de perdição não era a obra mais querida do seu autor, afinal ela talvez seja o retrato das desventuras amorosas de quem o escreveu; pensa-se isso porque o autor escreveu o livro em quinze (15) dias de enclausuramento na prisão por conta do crime de adultério; é necessário levar em consideração o que Aristóteles<sup>4</sup> afirma sobre a literatura de que esta é a imitação da realidade por meio das palavras. Sendo assim, no romance

---

<sup>2</sup> Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor brasileiro, “o romancista da primeira república.” Foi um importante escritor do Pré-Modernismo - período histórico que precedeu a Semana de Arte Moderna. Em 1915, depois de ter publicado em folhetos, Lima Barreto publica o livro Triste Fim de Policarpo Quaresma, sua obra-prima. Nesse romance, o autor descreve a vida política no Brasil após a Proclamação da República. A obra narra os ideais e as frustrações do funcionário público, Policarpo Quaresma, homem metódico e nacionalista fanático. Sonhador e ingênuo, Policarpo dedica a vida a estudar as riquezas do país. Além da descrição política do final do século XIX, a obra traça um rico painel social e humano dos subúrbios cariocas na virada do século. Fonte: < [https://www.ebiografia.com/lima\\_barreto/](https://www.ebiografia.com/lima_barreto/)>.

<sup>3</sup> Camilo Castelo Branco (1825-1890) foi um dos maiores escritores portugueses do século XIX. "Amor de Perdição" foi sua novela mais importante. Suas novelas passionais fazem do escritor o representante típico do Ultra Romantismo em Portugal. Foi um dos primeiros escritores portugueses a viver exclusivamente do que escrevia. Recebeu o título de Visconde concedido pelo rei de Portugal, D. Luís I. Em 1863, Camilo publica "Amor de Perdição", onde se encontram todos os ingredientes da novela passional, caracterizada pelo desequilíbrio sentimental de seus personagens. Vendo-se diante de um amor proibido, os personagens buscam a solução para o seu sofrimento. Em "Amor de Perdição", o autor revela o escândalo de sua situação de adultério pelo amor de Ana Palácio. Em Amor de Perdição, sua obra-prima, os sentimentos se submetem aos preconceitos e se põem em luta com as convenções sociais. Os heróis em conflito enfrentam a fatalidade do destino, conduzindo sua existência ao drama e à Tragédia. Fonte: < [https://www.ebiografia.com/camilo\\_castelo\\_branco/](https://www.ebiografia.com/camilo_castelo_branco/)>.

<sup>4</sup> Aristóteles (384-322 a.C.) foi um importante filósofo grego. Um dos pensadores com maior influência na cultura ocidental. Foi discípulo do filósofo Platão. Elaborou um sistema filosófico que abordou sobre praticamente todos os assuntos existentes, como a geometria, física, metafísica, botânica, zoologia, astronomia, medicina, psicologia, ética, drama, poesia, retórica, matemática e principalmente lógica. Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia, colônia grega, no ano de 384 a.C. Filho de Nicômaco, médico do rei Amintas III, recebeu sólida formação em Ciências Naturais. Fonte: <https://www.ebiografia.com/aristoteles/>>.







português é retratada a história de Simão Botelho e Teresa Albuquerque, que coincidentemente – tal qual o casal shakespereano – são de famílias rivais, o romance principia através do reconhecimento – como supracitado - através das janelas das casas dos dois; seguindo a trama folhetinesca, Baltasar Coutinho, primo e pretendente de Teresa, arma uma enormidade de situações para que o amor dos dois jovens não se concretize. Embora o casal principal seja o maior foco da narrativa, é uma personagem secundária que faz transparecer a morte por amor: Mariana. A moça nutre um amor não correspondido por Simão Botelho, este ao ser mandado para o exílio, ao ver sua amada Teresa se despedir ele morre de desgosto e de saudade por causa de Teresa, já Mariana, se abraça ao corpo frio de Simão e morre por sua causa, ao notar que seu grande amor também partira.

Podemos notar a partir desses minúsculos resumos que o amor- paixão está diretamente ligado à morte seja ela corpórea ou na forma de renúncias. Não há amor sem haver morte, é convenção que nos relacionamentos amorosos dos dias atuais os casais deixem certas “vontades” relegadas à insignificância, pois o amor entre os indivíduos é maior que a vontade de um só.

### 2.3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é bibliográfica, e nela que serão usados vários autores para referenciar e compor os conhecimentos que perpassarão o texto escrito.

A pesquisa bibliográfica consiste em:

Pesquisa feita em fontes documentais como bibliotecas, hemerotecas, bancos de dados, etc. Pesquisa feita em trabalhos impressos de outros autores, que compõem o acervo de bibliotecas, bancos de dados, sites de periódicos científicos, etc. Os textos pesquisados são livros, teses, dissertações, artigos ou outra produção científica impressa. (UNINTER, 2018, p. 12-13)

O texto está baseado fundamentalmente nos estudos descritivos. Para Córdova e Silveira,

A pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-





nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. (CÓRDOVA e SILVEIRA, 2009, p. 31)

A metodologia da pesquisa num planejamento deve ser entendida como o conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação (BARRETO; HONORATO, 1998).

Para Minayo,

é um caminho a ser seguido, no que diz respeito à pesquisas qualitativas é a ciência para construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com crenças, valores, significados e outros constructos que não podem reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2003, p. 16-18)

De acordo com Godoy:

A pesquisa qualitativa não procura enumerar/medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise de dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. (GODOY, 1995, p. 58).

Gil afirma que “embora as pesquisas geralmente apontem para objetivos específicos, estas podem ser classificadas em três grupos: estudos exploratórios, descritivos e explicativos” (1991, p. 43).

Entretanto, em qualquer estudo literário, independentemente do método utilizado, são esperados resultados o mais concretos possível. Espera-se, para tanto, que a literatura, na sua qualidade de promotora de ações e fenômenos propicie-nos apreender sobre a expressão da subjetividade humana, que se manifesta através das palavras dentro do texto, permitindo-nos, assim, compreender as relações entre amor e morte na literatura medieval e como essas mesmas relações parecem na literatura contemporânea, demonstrando a todos que as características sociais de um período tão denso permanecem até hoje, salvo algumas modificações que aconteceram naturalmente com o passar do tempo.

À princípio, o estudo exploratório, através de pesquisa bibliográfica, foi o passo inicial para a construção das teorias apresentadas neste trabalho. Tal passo proporciona a





visão holística e a coerência entre as teorias, as ideias expostas e os objetivos a serem alcançados.

Para o pleno desenvolvimento do trabalho em questão principiamos pela observação de características fundamentais da escola trovadoresca, bem como a observação da realidade social vivenciada em pleno século XXI, o que nos fez “ligar os pontos” e fez surgir a necessidade de pesquisa, exploração e elucidação do tema.

A partir disto, o embasamento teórico foi de suma importância para a construção das ideias e teorias. A pesquisa desenvolveu-se a partir da elucidação da cultura, da sociedade e da literatura europeia dos séculos XII e XIII pormenorizando as características essenciais da escola do Trovadorismo e das literaturas produzidas naquele espaço de tempo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada podemos observar que o amor cortês é um amor mais quente, transfigurado no amor- paixão próprio da adolescência e que se estende para o adultério dos adultos vivificado pela literatura medieval e enraizado na mentalidade ocidental contemporânea.

Para muitos trovadores, o sofrimento causado pelo amor era apenas um modo de produzir mais cantigas dramáticas e melódicas, todavia, para outros tantos a *coita d'amour* era o próprio estilo de vida, era a religião, a crença e a fé de cada ser humano, personificado na figura da senhora endeusada, cujas características assemelhavam-se às da Virgem Maria.

As questões religiosas místicas, fizeram rememorar na consciência ocidental as características do mito, enraizando-o cada vez mais nas mentes das novas gerações através da literatura e dos costumes feudais que romperam o espaço-tempo e chegaram aos século XXI na forma de telenovelas, seriados e filmes hollywoodianos.

A partir das convergências entre os personagens, suas trajetórias e suas personalidades é chegado o momento de considerar que o amor- paixão foi e é exaltado pelo mito não só no século XII, mas também no século XXI, através de uma séries de livros que ressuscitam a característica principal do amor-paixão: a morte, que nem sempre é uma morte carnal, da matéria corpórea; em alguns momentos a morte é a renúncia de algo, é a morte metafórica, mas em todas a morte é voluntária, deseja-se morrer por amor, deseja-se morrer de amor.

Pode-se concluir, então, que a paixão mostrada em telenovelas e filmes nada





mais é que “o refluxo e a invasão anárquica em nossas vidas, de uma heresia espiritualista[...]” (ROUGEMONT, 2003, p. 192).

É perceptível, o quanto a construção do tecido e da cultura social, principalmente no que tange o ideário de amor, está diretamente vinculado à literatura concebida nos primeiros séculos do mundo pós-Antiguidade Clássica.

Portanto, tal pesquisa é de suma importância não somente para os estudos literários, mas também para a compreensão da sociedade atual e das relações afetivas, já que as literaturas escritas hoje tem como base esse paradoxo do amor e da morte e são reflexo direto da vivência em comunidade. Dada a relevância e abrangência do tema, sugere-se o aprofundamento por meio de pesquisas posteriores.

## REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Marcileia de Sousa. **As configurações do amor nas pastorelas galego-portuguesas**. 2010. 133f. Tese (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Estadual de Maringá.

BARROS, José D’Assunção. O amor cortês – suas origens e significados. **Revista Raído**. Universidade Federal da Grande Dourados. Vol. 05, ed. 09. Janeiro/ Junho, 2011.

BARROS, José D’Assunção. **Os trovadores medievais e o amor cortês - reflexões historiográficas**. S/n. Ano 1, vol. 01. N. 01. Abril/Maio, 2008.

FRAZÃO. Dilva. **Biografia de Aristóteles**. 2019. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/aristoteles/>>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

FRAZÃO. Dilva. **Biografia de Camilo Castelo Branco**. 2019. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/camilo\\_castelo\\_branco/](https://www.ebiografia.com/camilo_castelo_branco/)>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

FRAZÃO. Dilva. **Biografia de Lima Barreto**. 2019. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/lima\\_barreto/](https://www.ebiografia.com/lima_barreto/)>. Acessado em: 20 de junho de 2020.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D. T; (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.





GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In **Revista de administração e empresas**. São Paulo. Vol. 35. N. 02. P. 57-63. Abril, 1995.

| 159

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisseia, 1985.

MINAYO, M. C de S. (org). **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SILVA, Valéria Sanchez. Uma questão de amor: Eros-Anteros e a intermediação de Éris, In: **Falando de amor: uma escuta musical dos vínculos afetivos**. São Paulo: Ágora, 2006.

SPINA, Segismundo. **A lírica trovadoresca**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 1996.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. 2 ed. São Paulo: Edirouro, 2003.

UNINTER, Centro Universitário Internacional. **Manual – orientações trabalho de conclusão de curso licenciatura em letras**. Curitiba: 2018. 29p.

